

PAIXÃO DO REAL E ACESSIBILIDADE UNIVERSAL NO FUTEBOL¹

Arthur Grupillo
Doutor em Filosofia
Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO: Nossa perspectiva aqui é a de uma estética social do futebol, no âmbito da Teoria Crítica da sociedade. Tomamos o futebol como “cifra” da imagem social em duas frentes do seu processo de modernização e profissionalização: a indústria cultural no futebol e a formação da personalidade autoritária nas torcidas organizadas, o fascismo no futebol. Num esforço por interpretar aquilo que estes fenômenos deformam, apontamos uma certa “paixão do real” – expressão de Pasolini – que explica também a acessibilidade universal deste esporte, sua permeabilidade a toda cultura. Com isso defendemos a tese, parafraseando Adorno, de que atualmente a filosofia do futebol só é possível como filosofia do moderno futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol. Teoria crítica. Modernização. Dialética. Paixão. Universalidade.

ABSTRACT: Our perspective here is that of a social aesthetics of football, within the scope of a Critical Theory of society. We consider football as a “cipher” of the social image in two faces of its process of modernization and professionalization: the cultural industry in football and the formation of an authoritarian personality in organized fan clubs, the fascism in football. In an effort for interpreting what these phenomena deform, we point to a certain “passion for reality” – an expression of Pasolini – that also explains the universal accessibility of that sport, its permeability to every culture. By these means, we defend the hypothesis – paraphrasing Adorno – that today a philosophy of football is possible only as a philosophy of modernized football.

KEYWORDS: Football. Critical Theory. Modernization. Dialectics. Passion. Universality.

¹ Palestra apresentada na mesa “As paixões e o esporte” na XVI Semana de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe, em dezembro de 2015. Preferimos, para assinalar a ocasião que inicialmente acolheu estas reflexões, alimentadas com as dúvidas e perguntas dos estudantes e colegas ali presentes, manter a linguagem própria da palestra, em primeira pessoa.

Preliminares

Recentemente, numa entrevista, um comediante nacional disse, muito seriamente, que nunca fora, ao contrário de todos os colegas de infância, “muito entusiasmado” com futebol. Mas isto – parecia esclarecer o jornalista – não distingue mais ninguém no Brasil, pois “ultimamente anda mesmo difícil encontrar alguém muito entusiasmado com futebol”. Embora o comediante não tenha se arrogado nenhum ar de superioridade por não ser muito entusiasmado por futebol, o jornalista, que nem era um jornalista esportivo, parecia realmente lamentar o fato de que, ultimamente, raro mesmo era encontrar alguém muito entusiasmado por futebol. E ambos, naquela hora, não conseguiram esboçar nenhuma piada a respeito. De repente, o assunto ganhou ares de solenidade ou tabu. Parecia que havia realmente algo de errado em não haver ultimamente muita gente entusiasmada com futebol. Era como se se tivesse perdido algum tipo de sentimento vital, como o interesse pelo trabalho, o amor pela esposa, a vontade de viver ou a fé no homem. Parece que alguma coisa muito fundamental está em jogo, quando o futebol é ameaçado.

Pois bem. Nestas considerações preliminares, apenas a título de aquecimento, antes de começar o jogo no qual as palavras se juntam, trocam passes e se confrontam para exprimir o pensamento, cabe uma reflexão de ordem metodológica e histórica que justifique a própria possibilidade de uma abordagem verdadeiramente filosófica do futebol, que não se confunda com o fato meramente contingente de haver um profissional da filosofia falando do assunto, que de filosófico poderia não ter nada. Também não pode se confundir com a sociologia, a antropologia ou mesmo a literatura, status ao qual certamente se eleva a crônica esportiva de alta qualidade literária em que o nosso jornalismo é pródigo. Antes, preciso dizer, ou pelo menos arriscar dizer, em que consiste uma *filosofia do futebol*; além do mais, porque não estou tomando o futebol como “metáfora”, a fim de iluminar questões filosóficas que bem poderiam ser levadas adiante sem nenhuma menção ao futebol. Essas questões metodológicas e históricas – como ficará claro – já nos darão uma boa ideia do conteúdo que uma filosofia do futebol pode ter.

Minha perspectiva teórica, nestas páginas, *mutatis mutandis*, é a de uma *estética social do futebol*, e uma estética social do futebol como “*cifra*” do real. Um real que,

não podendo ser dito, pelo menos se mostra “cifrado” em alguns fenômenos da cultura, especialmente em fenômenos estético-sociais de caráter intrinsecamente histórico, nos quais, quando analisada, “a coisa”, isto é, o objeto, se dá numa relação conjuntural com outros objetos, permitindo, assim, o conhecimento do processo histórico em que se acumula. Além disso, esta “cifra” não é apenas uma metáfora, pois coloca em questão o próprio limite entre a *imago* da metáfora e a suposta realidade que ela representa. Pelo contrário, a cifra é também cifra dessa cisão ou separação (*chorismos*) que, ao mesmo tempo em que denunciada, é também reiterada, numa tentativa de circunscrever o núcleo, de certa forma vazio, do que se quer conhecer. Isto nos explica Adorno em sua *Dialética Negativa*, valendo-se da categoria de “constelação”:

Perceber a constelação na qual a coisa se encontra significa o mesmo que decifrar aquilo que ela porta em si enquanto algo que veio a ser. Por sua vez, o *chorismos* entre fora e dentro é condicionado historicamente. Somente um saber que tem presente o valor histórico conjuntural do objeto em sua relação com os outros objetos consegue liberar a história no objeto; atualização e concentração de algo já sabido que transforma o saber. O conhecimento do objeto em sua constelação é o conhecimento do processo que ele acumula em si. Enquanto constelação, o pensamento teórico circunscreve o conceito que ele gostaria de abrir, esperando que ele salte, mais ou menos como os cadeados de cofres-fortes bem guardados: não apenas por meio de uma única chave ou de um único número, mas de uma combinação numérica.²

Ora, para Adorno, a obra de arte é o verdadeiro *modelo* de cifração e decifração do real, na medida em que: (a) “fornece as articulações de uma mediação concreta entre a estrutura das obras e a estrutura social”³ no esteio de uma interpretação psicanalítica que tem, contudo, suas limitações, uma vez que não se trata apenas de considerar a arte como linguagem puramente subjetiva, do inconsciente, ou seja, vasculhar “moções pulsionais” que o autor manifesta, mas também de (b) decifrar seus “impulsos críticos” conscientes, isto é, sua tentativa de representar a realidade e, ao mesmo tempo, a separação dessa mesma realidade, de “cifrar” o fenômeno da alienação social, inseparável do capitalismo monopolista⁴. “Nos artistas de altíssima classe”, prossegue Adorno, “como Beethoven ou Rembrandt, aliava-se a mais aguda consciência da

² ADORNO, 2009, p.141-2.

³ ADORNO, 2008, p.19.

⁴ Trata-se da complementaridade de Marx e Freud no interior do método analítico adorniano, conforme explica BUCK-MORSS, 1977, p.102: “No processo analítico, os elementos do fenômeno são vistos como uma linguagem codificada, “cifras” da verdade sociocultural, cuja tradução na linguagem conceitual de Marx e Freud permitiu sua interpretação, tornando possível “transformá-los” num texto legível”. Na verdade, o conceito de cifra, em Adorno, é bastante complexo e deve ser rastreado até suas origens no texto de 1932, publicado postumamente, “A Ideia de história natural”, de marcante influência benjaminiana (cf. ADORNO, 2003a), e, além disso, na sua tese de habilitação sobre Kierkegaard, onde o conceito aparece com forte conotação mística. Cf. ADORNO, 2003b.

realidade à alienação da realidade; só por si isto já constituiria um (...) trabalho em algo que resiste”⁵. E o que resiste é, para a obra de arte, “a indeterminação irritante daquilo e para aquilo que ela deve ser”⁶. Em outras palavras, a obra de arte resiste à determinação *do quê* ela deve ser e *para quê* ela deve ser. Resiste ainda, entre outras coisas, na obra de arte, o existente empírico, cuja própria separação da forma, paradoxalmente, a forma deve manifestar. Resiste, entre outras coisas, a aparência de reconciliação, que é lançada para a história, mesmo quando se trata da natureza, como em vários exemplos da pintura. Resiste, na apreciação contemplativa individual, a sociedade. Resiste, sobretudo, “a liberdade da sociedade”, pois mesmo a coerência estética e formal, conseguida a um alto custo técnico, não é ainda a forma emancipada.

Agora, bem. Com efeito, não raro falamos de uma jogada, de um drible, de um gol, como de uma “pintura”. De certo modo, aqui, o futebol é abordado enquanto constructo estético-social, isto é, como obra de arte no sentido de uma cifra da realidade sociocultural. Mas digo também *mutatis mutandis* porque gostaria de operar *duas modificações* nesta abordagem, com o objetivo de absorvê-la como método, mas liberar o objeto para acumular seu próprio desenvolvimento, sem afinidades teóricas demasiado rígidas, mas numa reflexão relativamente ensaística.

Em primeiro lugar, segundo me parece acertado por parte da crítica de Habermas, Adorno não prosseguiu investigando a ideia de reconciliação porque entendeu o núcleo dessa ideia apenas como “cifra” [*Chiffre*] à maneira da *filosofia da vida*, e por isso só pode circunscrevê-lo com o auxílio de imagens da mística judaico-cristã⁷. Em segundo lugar, se, por um lado, isto pode ser visto como uma crítica sutil de Adorno à “razão secular”⁸, por outro lado, também, oblitera uma função mais ativa deste núcleo na fundamentação da própria teoria, que sofre de petição de princípio por tentar dizer, somente com a “razão instrumental”, *em quê* consiste a vida deformada por essa mesma razão. Ainda que não queiramos nos comprometer com uma suposta autotransparência completa desta ideia, como em Hegel, deve ser possível uma abordagem mais efetiva do seu núcleo que não seja meramente negativa, mas que se abra, ainda que de maneira problemática ou transversal, para a intuição do que é a vida

⁵ ADORNO, 2008, p.20.

⁶ Ibid., p.33.

⁷ HABERMAS, 1981, v.I, p.512.

⁸ Cf. VRIES, 2005.

deformada⁹. Para isso, seria necessária, sem dúvida, uma ampliação do conceito de razão centrado na consciência na direção de uma maior sensibilidade hermenêutica. Por conseguinte, uma mitigação da crítica da indústria cultural como também potencialmente dotada de um valor de verdade – e não somente a arte moderna hermética – exatamente em virtude de seu potencial comunicativo¹⁰. Como veremos, isto é particularmente importante numa abordagem crítica do futebol, no qual pressupomos não um mero entretenimento comum, mas também um genuíno “diálogo não verbal”¹¹.

Enquanto abordagem histórico-filosófica, contudo, é a mesma perspectiva, guardadas estas diferenças, que a do Adorno do final da década de 1950, quando afirmou que “atualmente, a filosofia da música só é possível como filosofia da nova música”¹² ou, em outras palavras, como *dialética do esclarecimento* na música¹³. Também gostaria de propor que, atualmente, a filosofia do futebol só é possível como filosofia do futebol moderno, ou como dialética do esclarecimento no futebol, que tentarei elucidar.

Em seu livro talvez mais hegeliano, *Filosofia da Nova Música*, como se sabe, Adorno realiza uma dupla interpretação, de uma só vez, de dois importantes compositores do início do século XX, que dão origem a dois ensaios que compõem a obra: “Schoenberg e o Progresso” e “Stravinski e a Restauração”. O objetivo da obra é determinar a maneira com que “deslocamentos ou modificações antropológicas da sociedade massificada penetram até na estrutura do ouvido musical¹⁴”, mostrando, na constituição da audição, as ressonâncias corpóreas da estrutura social. Isto, no entanto, não através de uma investigação direta da natureza e dos potenciais de ampliação ou regressão da estrutura fisiológica do ouvido, à maneira darwinista, por exemplo, mas a partir da situação histórica da composição musical, “a única que na verdade decide sobre a situação da própria música¹⁵”. E não só por isso, mas também porque, no processo de racionalização musical, a matéria – e a natureza de um modo geral – é a contrapartida de um processo ininterrupto de espiritualização, nos termos da estética de

⁹ Cf. WELSCH, 1996; HABERMAS, 1981.

¹⁰ Cf. WELLMER, 1995.

¹¹ WISNIK, 2008, p.51.

¹² ADORNO, 2004, p.19.

¹³ “O livro está concebido como uma digressão à *Dialektik der Aufklärung*”. Ibid., p.11.

¹⁴ Ibid., p.9.

¹⁵ Ibid., p.9.

Hegel. Para Hegel, a história da arte significa um processo de crescente sobreposição do espírito sobre a matéria, desde a arquitetura (máximo de matéria sob o mínimo de espírito) até a poesia (mínimo de matéria sob o máximo de espírito), sendo afinal superada pela prosa do pensamento filosófico. Para Adorno, pelo contrário, a arte moderna não é apenas mais um modo de espiritualização da matéria, mas é a “cifra” da luta intransigente da matéria contra o espírito, isto é, a codificação do *chorismos* (separado, separação, um reino separado) do existente empírico. O núcleo da dialética é a resistência da matéria diante do espírito, ou da natureza diante da história.

Por isso, Schoenberg e Stravinski representam duas tendências históricas opostas no que diz respeito à situação da composição. Em linhas gerais, para Adorno, enquanto o primeiro segue racionalizando a música pela investigação harmônica, permitindo à matéria resistir como *chorismos*, o segundo explora uma técnica de composição que se caracteriza, sobretudo, por um apelo a elementos primitivos tais como o timbre, o ritmo, etc. A imposição intransigente do material, do imprevisível e do “resíduo” que fica do processo de composição é o mais importante aspecto que, nesta abordagem, nos interessa.

Ao lado desta, temos outro tipo de resistência igualmente cara a Adorno. No indivíduo isolado, durante a escuta musical, ali também está, como resistente, a sociedade. Enquanto que, ao contrário, as massas coletivas, com seus produtos culturais industrializados, tendem a uma perda da individualidade crítica, que é herança do esclarecimento, e a um regresso à subjetividade imediata, isto é, autoritária, que se identifica de forma acrítica ao grupo. É o efeito da indústria cultural no fascismo. Estes são, resumidamente explicados, dois dentre alguns dos – pelo menos seis – temas clássicos da chamada Teoria Crítica da Escola de Frankfurt¹⁶.

Pois bem. A reflexão que gostaria de esboçar neste trabalho é que, realizados alguns ajustes, como os explicados acima, tudo se aplica bastante bem ao futebol. Segundo creio, a filosofia do futebol só é possível, atualmente, como dialética do esclarecimento no futebol, ou filosofia do futebol moderno nos seguintes termos: (1)

¹⁶ Referindo-se ao projeto conjunto do Instituto para Pesquisa Social até o princípio da década de 1940, Habermas enumera seis temas em que o trabalho estaria dividido, posteriormente desfigurado pelo projeto adorniano único de crítica totalizante da razão instrumental: a) as formas de integração das sociedades pós-liberais, b) a socialização na família e no desenvolvimento do eu, c) os meios de comunicação de massa e a cultura de massa, d) a psicologia social do protesto paralisado e silenciado, e) a teoria da arte, e f) a crítica do positivismo e da ciência. HABERMAS, 1981, v.2, p.555. Cf. Também HONNETH, 1999.

teoria crítica da indústria cultural no futebol, de um lado, e (2) *surgimento da personalidade autoritária de massas nas torcidas organizadas (o fascismo no futebol)*. Tal dialética é, em virtude dos ajustes realizados, menos enrijecida que a de Adorno, mas esta é ainda, acima de tudo, relevante enquanto método, por ser uma filosofia que tem a história e os fenômenos sociais e históricos como chaves heurísticas para o entendimento de um processo dialético universal e, nesta medida, essencialmente filosófico.

O método dialético, especialmente quando empregado em seu justo sentido, não pode consistir no tratamento de fenômenos particulares como ilustrações ou exemplos de algo que já existe solidamente, de algo que está dispensado do próprio movimento do conceito, pois, assim, a dialética degenerou em religião de estado. Este método exige, antes, transformar a força do conceito universal no autodesenvolvimento do objeto concreto e resolver a enigmática imagem social com as forças de sua individualização¹⁷.

Cabe duvidar, entretanto, de que, se a filosofia se interessa pelo universal, não pode ser que ela se ocupe de um fenômeno tão contingente como um esporte que tem um local e uma época relativamente definidos em que começou a ser praticado. Mas, por outro lado, por que este esporte contingente que tem um espaço e um tempo mais ou menos definidos, a partir do século XIX e no início da era industrial inglesa, alcançou já no final dos anos noventa do século seguinte a condição de esporte mais praticado em todo mundo? Ainda que eu fosse um sociólogo e apontasse as causas que determinaram essa difusão global, mesmo assim a pergunta filosófica seria legítima: que tem no futebol para que fosse, já potencialmente, um esporte universal? Ou seja, antes de se tornar realmente um esporte globalizado, pergunto-me sobre o que, no futebol, tornou possível essa projeção e universalização. Por que os inúmeros esforços da indústria esportiva e midiática pela universalização de outros esportes, sobretudo os mais praticados nos Estados Unidos da América, não deram certo? De que “matéria-prima” a indústria específica do futebol se apropria? Estou me perguntando sobre quais são as forças de individualização do futebol capazes de iluminar a enigmática imagem social. Por esta razão, não é uma metáfora. Quer dizer, isto me parece o sintoma de uma necessidade objetiva, que nem a sociologia nem a antropologia, por mais universalistas que sejam seus pressupostos, poderiam explicar sem o auxílio do ponto de vista filosófico. Mas esse ponto de vista filosófico não é qualquer ponto de vista filosófico. É aquele que tem a indústria, a história e a universalidade dos paradoxos inerentes à

¹⁷ ADORNO, 2004, p.29-30.

história como seu cerne teórico. Cerne este que é filosófico, mas que precisa, para não enrijecer, observar de perto as questões empírico-sociais, as forças universais do fenômeno concreto, sem positivismo. O objetivo é liberar a história do futebol, atualizando e concentrando algo já sabido, a fim de transformar o saber.

Primeiro Tempo

O que está em jogo, portanto, não é apenas o fenômeno contingente da “globalização” do futebol, mas a universalidade potencial do futebol, que acabou tornando-se real.¹⁸ Em outras palavras, é a acessibilidade universal deste esporte que interessa, sua permeabilidade a toda língua, cultura e expressão simbólica. Mas é bastante difícil identificar precisamente quais elementos do futebol explicam essa universalidade. Por isso, vou me aproveitar, aqui, do pontapé inicial dado pelo trabalho do ensaísta brasileiro José Miguel Wisnik, em seu livro *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. Na verdade, trata-se de uma ideia que Wisnik toma ao cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, grande admirador do futebol e que lhe dedicou, além de parte do seu tempo recreativo, algumas páginas de reflexão.¹⁹

Em um famoso artigo de jornal, na sequência de uma concepção semiológica da linguagem, o cineasta começa dizendo que uma língua é, obviamente, um “sistema de signos”, mas que um sistema de signos não constitui necessariamente uma língua escrito-falada [*scritto-parlata*]. Pelo contrário, os sistemas de signos podem ser muitos. Tomemos um exemplo, propõe Pasolini:

Eu e você, leitor, nos encontramos num lugar onde também estão presentes Ghirelli e Brera, e você quer me dizer alguma coisa a respeito de Ghirelli que Brera não deve ouvir. Então você não pode falar por meio do sistema de signos verbais: deve necessariamente adotar um outro sistema de signos: por exemplo, a mímica. Então você começa a torcer os olhos, a fazer caretas, a agitar as mãos, a fazer gestos com os pés, etc. etc. Você é o “cifrador” de um discurso “mímico” que eu decifro: isso significa que possuímos em comum um código “italiano” de um sistema de signos mímicos²⁰.

Afora a ideia, um pouco óbvia já desde os anos 1970, e o “frisson” semiótico, de que a linguagem é mais do que a linguagem verbal, o mais interessante da passagem é o

¹⁸ Sobre a questão da “globalização” do futebol, cf. HOBBSAWM, 2007.

¹⁹ Cf. PASOLINI, 2006.

²⁰ PASOLINI, 1971.

posicionamento “nacional” da própria linguagem não verbal, de modo que mesmo a linguagem não verbal está relacionada à linguagem escrito-falada. Pasolini fala de um sistema *italiano* de signos mímicos. Diferentemente, foi Charles Darwin quem, numa obra muito menos famosa do que sua obra mais famosa, tentou sugerir que haveria seis emoções básicas que, apesar das modificações culturais que sofrem com o tempo e os acontecimentos históricos e artísticos, permanecem num registro ancestral comum. Por exemplo, o medo, de que todos teríamos um registro primitivo, é facilmente reconhecido num homem que paralisa como uma estátua, sem se mover ou respirar, e que se agacha como se instintivamente quisesse escapar de um observador. Entre outros sinais exteriores, temos também a palidez da pele, o suor frio, o soerguer das sobrancelhas, etc.²¹ Ora, Pasolini está dizendo que existe um sistema mímico italiano, isto é, mesmo que estejamos nos afastando do registro verbal e nos aproximando da corporeidade do gesto, não significa que estamos nos aproximando de um ancestral comum naturalista. Também a pintura, o cinema, a moda, etc. são, para o cineasta, sistemas de signos. Cada língua, como o italiano, tem, segundo ele, sublínguas, como a médica, a teológica, etc., mas sempre referidas ao italiano como “patrimônio comum”. É por isso que, em Pasolini, o futebol é um sistema de signos como qualquer sublíngua. Se a língua é feita de palavras que são feitas de fonemas, para o futebol valem os “chutemas” [*podema*], que são as múltiplas possibilidades de bater uma bola com o pé. A sintaxe se exprime na partida, que é, na verdade, um discurso dramático. A tese central do artigo de Pasolini, no entanto, é que “pode haver um pontapé como uma linguagem fundamentalmente prosaica e um pontapé como uma linguagem fundamentalmente poética”. Isto, para ele, não é uma distinção de valor, mas puramente técnica! Contudo, todas essas linguagens estão alicerçadas num “terreno comum”, que é a cultura de um país, a sua atualidade histórica. Assim, o futebol pode ser completamente realista ou prosador, como o futebol italiano, de toques e triangulações. Ao contrário, baseado nos dribles, no contrapé, etc., o futebol brasileiro é essencialmente poético. Wisnik comenta Pasolini como segue:

A mais importante consequência de sua rápida semiologia exploratória, a meu ver, é de que o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo. A sua narratividade aberta às diferenças terá relação, muito possivelmente, com o fato de ter se tornado o esporte mais jogado do mundo

²¹ Cf. DARWIN, 1872, p.290.

inteiro, como um modelo racional e universalmente acessível que fosse guiado por uma ampla margem de diversidade interna, capaz de absorver e expressar culturas.²²

Aqui temos, penso eu, uma reflexão verdadeiramente filosófica sobre o futebol. Não uma reflexão sobre o “esporte” em geral, mas precisamente nos termos adornianos das “forças de individualização” deste esporte em particular, e que permitem acompanhar o desenvolvimento do conceito universal. Aqui temos, numa palavra, o método dialético rigorosamente empregado e o primeiro traço de uma *filosofia do futebol*. Esta é marcada, entretanto, essencialmente por uma particularidade que extrapola os níveis de interpretação adornianos, basicamente ligados a Freud e Marx, e que enriquece a análise com a perspectiva semiológica de uma teoria da linguagem.²³ O que faz o futebol potencialmente universal é o fato de ele ser uma língua, com fonemas, sintaxe e discurso, na qual são possíveis muitas sublínguas, e sublínguas nacionais. É o fato de essas linguagens poderem, mesmo distintas e cifradas, dialogarem em campo e se compreenderem.

Mas ainda seria preciso investigar quais elementos permitem o diálogo, em campo, de sublínguas tão distintas como a prosa do futebol europeu e a poesia do futebol brasileiro. E temos chances, aqui, de seguir com Pasolini e Wisnik. Como linguagem, o futebol é suficientemente plástico e versátil, aberto às mais variadas formações frasais e textuais. Uma linguagem cifrada muito próxima da complexidade do real. E não somente um real sobre o qual se fala e que fala, mas um real sobre o qual se tem emoções e, especificamente, uma certa “paixão”.

Acrescente que esse viés estético-analítico, no caso de Pasolini, é inseparável de sua paixão pelo esporte, do sentimento de sua impregnação na vida e do modo como ele testemunha as relações humanas. A sua paixão pelo futebol é uma *paixão do real*, sem afetações ou restrições moralistas. O futebol era para ele o terreno em que se dava ainda o grande teatro e o rito da presença, expondo ao vivo, em corpo e espírito, um largo espectro da escala humana. Sendo assim, uma zona de contatos lúdicos, primária e refinada, física e metafísica, que desafia e desencadeia o desnudamento da existência autêntica.²⁴

O termo “paixão”, aqui, não é gratuito. Na verdade, não estou certo se podemos fazer justiça à ideia bastante complexa de uma “paixão do real”, de que só temos algumas indicações, se bem que valiosas, como “sem afetações ou restrições moralistas”. O futebol constitui de forma cifrada (e não meramente representa) uma *paixão do real*. Isto quer dizer, quem sabe, num esforço de reflexão: não há restrições

²² WISNIK, 2008, p.14.

²³ Que não é, obviamente, a de Habermas, mas não deixa de ter afinidades com ela. Cf. SILVEIRA, 2013.

²⁴ WISNIK, 2008, p.14-5.

que se imponham sobre este esporte que possam violentar inteiramente a semelhança, a continuidade e a contiguidade que ele tem com a vida, enquanto zona de contatos lúdicos, às vezes refinada, mas às vezes primária, violenta, física e também metafísica, no sentido de uma afirmação da existência enquanto última, enquanto existência autêntica; afirmação que eu chamarei de “lealdade primária” ao mundo.²⁵

Trata-se do amor pelos seus revezes, uma paixão pela alternância e pela reversibilidade próprias da vida. Numa tal “lealdade primária” há uma recusa intransigente do pessimismo, como a de Jó: “o Senhor deu, e o Senhor tirou, bendito seja o nome do Senhor”. Vários elementos do futebol podem ser levantados em defesa desta ideia quase-religiosa. Para começar, como disse, ele não é metafórico, mas metonímico. Uma continuidade da vida, uma zona que é uma parte da vida, e não uma representação simbólica dela. Isso significa, essencialmente, no futebol, que ele dispõe um terreno de contingência amplo demais para ser controlado. Suas regras são tão vagas a ponto de não haver moralismo (embora possa haver moral) – na falta, não há verdadeira punição, porque a bola é simplesmente devolvida a quem a possuía – mas uma abertura fundamental à solidariedade espontânea, ao chamado jogo limpo ou “fair play”, que também não consta como regra. O futebol exige apenas uma *minima moralia*, mas como único terreno onde possa surgir a espontaneidade de uma solidariedade apaixonada, e não obrigada.

As regras estão ali para permitir que o jogo flua, prossiga, e não para contabilizar eficiências. Por exemplo, a lei da vantagem, de 1904, que permite aos árbitros deixar de aplicar uma falta ou penalidade se vislumbrada a perspectiva de gol, está no futebol há mais de um século. O jogo, contudo, continua buscando espaços de ampliação, como a proibição de os goleiros agarrarem com as mãos as bolas recuadas por seus companheiros de time usando os pés, que passa a valer em 1992. A eficiência no futebol, caracterizada pela regra mínima do gol – quem faz mais gol vence – é, acima de tudo, fluidificada pela beleza do drible, pela jogada imprevisível, inclusive pela posse e pelo domínio de bola que pode, a rigor, não representar nada em termos de

²⁵ Utilizo aqui uma expressão atípica para o contexto, que é a da “lealdade primária” como uma fidelidade básica e sem razões ao mundo, não numa perspectiva conformista, mas “paradoxal”, que reflete, segundo o apologista cristão G.K. Chesterton, a combinação de duas virtudes aparentemente opostas: “O mundo não é uma prisão em Brighton, que temos de abandonar por ser péssima. É a fortaleza de nossa família, com a bandeira tremulando no torreão, e quanto pior ela for tanto menos razão para a deixarmos. A questão não é que este mundo é triste demais para ser amado ou alegre demais para não o ser; a questão é que, quando se ama alguma coisa, a sua alegria é a razão para amá-la, e a sua tristeza é a razão para amá-la ainda mais.” CHESTERTON, 2008, p.111.

contabilidade eficiente. Basta recordar a semifinal da Liga dos Campeões da Europa 2011-2012 entre Chelsea e Barcelona, em que o time inglês anulou o praticamente imbatível esquema “Tiki-taka” do treinador Pepe Guardiola. Naquela partida, o Barcelona acumulou o absurdo de 72% de posse de bola, empatou o jogo e foi eliminado.²⁶

Não gostaria de propor aqui nenhuma leitura exaustiva, mas pode-se perceber que, ao contrário de outros esportes, não há espaços definidos para as equipes no futebol, como há no vôlei ou no tênis, por exemplo. Se o tipo de espaço do futebol é comum a muitos outros esportes, como o basquete, por outro lado este exige uma quantidade tão grande de pontos que, no computo final, é bastante improvável que o mais eficiente não vença, pois são muitas sequências de pontuação, o que garante uma contabilidade segura. No futebol, isto não ocorre. A contingência, tais quais as contingências da vida, se impõem de maneira muito eloquente.²⁷

Essa alternância e reversibilidade são características do lado lúdico do futebol, por ser originalmente um jogo de operários das fábricas inglesas, portanto, um jogo avesso a toda lógica mercantil e com uma margem de manobra muito grande para ser calculada. É essencialmente um *jogo amador*, para os intervalos de trabalho, e não um trabalho. A pelada de rua, os jogos de várzea, e não o jogo profissional, exemplificam este aspecto. Praticamente não há linha lateral, por exemplo, em muitas formas de jogo amador, como os disputados na praia, em que a água é uma linha em constante mutação, a ponto de ficar inteiramente indecيدido quando a bola sai ou não. As escolhas dos times, na base do “par ou ímpar”, e a “partida de fora” provocam uma troca de papéis em que não apenas “vitória e derrota” se tornam quase indiscerníveis, como também o adversário de jogo se torna, no minuto seguinte, companheiro de time. A paixão pelo futebol é a paixão por essa imprevisibilidade e permite a um jogador-amador ou a um torcedor-amador (sim, porque existem torcedores profissionais) admirar uma bela jogada do adversário. Daí a afirmação de Wisnik, particularmente importante no Brasil, e particularmente importante na circunstância histórica de um Fla-Flu ideológico em que vivemos, a respeito de outros modos de relação com o futebol que não seja apenas o

²⁶ Reportagem da BBC Sport com estatísticas do jogo: <http://www.bbc.com/sport/football/17817584>.

²⁷ Apenas a título de curiosidade, segundo algumas estatísticas do Instituto de Educação Física e de Cinesioterapia da Universidade de Bruxelas, jogadas de ataque no futebol têm somente a probabilidade de 1% de terminar em gol, contra 80% das jogadas de ataque que resultam em cestas ou pontos no basquete. Cf. TOLEDO, 2000, p.68.

da “hipnose de massa”: “o desenho do jogo, suas variações narrativas, os instantes de beleza plástica e de inteligência”, etc., “razão pela qual os Fla-Flus podem ser tão estimulantes no futebol (onde o próprio jogo se encarrega de reverter de alguma forma a paralisia dos opostos) e tão nefastos na vida intelectual, onde imobilizam e esterilizam o pensamento”²⁸. Mas o fato é que o jogo foi se tornando um trabalho, e o torcedor passou a amar unicamente o seu time, e não o jogo. A paixão do real dá lugar à paixão de si na identificação cega com o grupo.

Segundo Tempo

Explicou-se, espero, pelo menos minimamente, a acessibilidade universal do futebol, mas ainda não a sua força singular na interpretação da imagem social. Eu havia dito que uma filosofia do futebol só era possível como filosofia da modernização do futebol, com seus dois aspectos fundamentais: a indústria cultural do futebol e o surgimento do “torcedor-autoritário”. É a passagem da paixão do real, vago e aberto, marcado pela reversibilidade entre vitória e derrota, para a irrealidade dos *media*, rotineira e insípida, na qual se exige ser *sempre* melhor e vencedor. Mas não apenas, trata-se de uma modernização interna do próprio futebol, seu processo de *racionalização como profissionalização*²⁹. De fato, apesar de pelo menos seis temas fazerem parte do projeto interdisciplinar do Instituto para Pesquisa Social, de 1939 a 1942, estes dois temas se complementam de uma maneira especial:

Enquanto a teoria da cultura de massas parte do fato de que a forma mercadoria se aplica também à cultura ocupando com isso *todas* as funções do ser humano, a teoria do fascismo conta com uma desfuncionalização, premeditada pelas elites políticas, das resistências que a natureza subjetiva opõe à racionalização. (...) O fascismo é interpretado por Horkheimer como uma desfuncionalização bem-sucedida, como utilização da revolta da natureza interna em favor da racionalização social contra a qual essa revolta se dirige.³⁰

Precisamos compreender, agora, como o profissional sufoca o amador para além do mero jogo de palavras. Entender como o processo de modernização e profissionalização do futebol mina precisamente aquela paixão do real que significava

²⁸ WISNIK, 2008, p.53.

²⁹ Para o tema da racionalização como profissionalização, particularmente relacionada à esfera artística, com a institucionalização das galerias e museus e a formação de uma crítica especializada, cf. HBERMAS, 1981, v.I, p.109ss.

³⁰ *Ibid.*, p.492-4.

mais o amor do futebol do que a perseguição cega da vitória, que é, entre outras coisas, uma consequência da lógica industrial monopolista e da exigência cada vez maior pelo alto rendimento, tanto esportivo quanto mercantil. Ao mesmo tempo, compreender como esta dialética deixa restos, resíduos de uma contiguidade com a vida que o futebol resiste em manter.

Há dois níveis, não completamente delimitados e separados, em que se pode falar da modernização ou profissionalização no futebol. O primeiro se refere à evolução interna da sua linguagem, com a formação de manuais técnicos e esquemas táticos; o segundo se refere à constituição de uma esfera de “especialistas”, que vão desde o torcedor-comentarista, passando pelo cronista esportivo, até o sócio-torcedor, com o efeito colateral da formação de transtornos de personalidade próprios dos membros de torcidas organizadas.

As regras do futebol estão intimamente ligadas a um esforço editorial de padronizar o esporte, mesmo antes da difusão de sua prática, com a publicação dos primeiros manuais já no século XIX e o esforço maciço, a partir da década de 1930, de inibir diferenciações de regras, por exemplo, entre o futebol europeu e o futebol latino americano.³¹ Essas regras, no entanto, como já tive oportunidade de apontar, são “mínimas”, de modo que tal esforço, tanto por parte das publicações especializadas como das instituições reguladoras do esporte, em especial a FIFA (Fédération Internationale de Football Association), fundada em 1904, não chegava a inviabilizar as variações nas formas e estilos de jogar. Pelo contrário, a invenção dos assim chamados “esquemas táticos” é produto do fato de que, para o número máximo de jogadores atuando em cada time numa partida, onze, a regra trazia dispositivo específico de posicionamento apenas para um, o goleiro.³² Segundo Toledo,

tem-se as seguintes expressões que abarcam praticamente toda a história da técnica coletiva no futebol: o 2-3-5, formação clássica utilizada nas copas de 1930; 1934 e 1938; o 3-2-5, conhecido por “WM”, utilizado até meados da década de 50; o 4-2-4, que triunfou na Copa de 1958, fixando no cenário internacional a primeira forma coletiva vitoriosa de um “jogar à brasileira”; o 4-6-0, o sistema total ou “carrossel holandês”, muito festejado na Copa de 1974, com a Holanda se tornando vice-campeã, o próprio Brasil implantaria na Copa de 1982 um sistema similar; o sistema

³¹ Cf. TOLEDO, 2000, p.41ss. Especialmente no que se refere à universalização das regras, cf. p.50ss

³² Segundo TOLEDO (Ibid., p.54ss), o primeiro conjunto de regras do futebol era composto de 12 regras, e data da Inglaterra de 1863. Estas versavam apenas sobre as dimensões do campo, das balizas, a definição de gol e se concentravam, antes de tudo, no conjunto de regras mestras sobre a impossibilidade de usar as mãos. Apenas em 1871 foi que o goleiro diferenciou-se dos outros jogadores. Atualmente, essas regras somam 17 dispositivos, com suas respectivas regulamentações, e são publicadas anualmente pela FIFA.

européu com líbero, 3-5-2, que utiliza os laterais como alas e um jogador, o líbero atrás dos defensores para dar cobertura, fortalecendo o meio campo e o ataque com investidas que se iniciam desde a defesa, muito utilizado nas Copas de 1990, 1994 e 1998.³³

Porém, baseando-nos no livro de Wisnik e no do escritor espanhol Vicente Verdú, de 1980, *El fútbol: mitos, ritos y símbolos*, é possível reproduzir esta história da técnica coletiva do futebol de maneira um pouco mais crítica. Verdú identifica três fases de modernização do futebol – que não coincidem, mas se cruzam, com a tríade “formação clássica, WM e sistema total”. A primeira, dos primórdios do esporte até 1900 – espécie de pré-história do jogo –, é uma explosão das energias lúdicas acumuladas nas fábricas. O futebol se caracteriza por movimentos elementares, como os solavancos, o chutão para frente ou a obstinada inclinação a conduzir a bola sozinho até o gol, origem do chamado “fominha”, que nunca deixou de existir nas peladas de rua, e que, penso eu, nunca deixará de existir. Esse jogo das fábricas já moderniza, de algum modo, o ambiente rural do jogo de bola milenar, de que temos exemplo em várias culturas (*tlachtli, soule*).³⁴ A segunda etapa de modernização do futebol vai de 1900 até meados da década de 1970, em que aparecem as primeiras iniciativas de jogo coletivo e esquemas táticos como 4-2-4 ou 4-3-3, às vezes bem-sucedidos com o complemento individual não planejado, como no caso de Ferenc Puskás da Hungria vice-campeã da Copa de 1954 e no Brasil de 1958, com Pelé. O auge da modernização do futebol, o que significa, para o método dialético, também o começo de sua decadência, é a década de 1970.

Este é o período que os teóricos identificam com o capitalismo avançado ou tardio. O capitalismo de consumo, e não o fabril. No futebol, ele se mostra, mais particularmente, pela profissionalização excessiva – a que Garrincha já se negava uma década antes –, pela mobilidade global das contratações (a se tornar cada vez mais milionárias), pela publicidade ostensiva, que marca a camisa dos clubes, até, recentemente, dominar também calções e meiãoes, pelos “estádios-shopping Center” e pelo mando e desmando da FIFA cada vez mais corrupta.³⁵

³³ Ibid., p.74-5.

³⁴ Cf. WISNIK, 2008, p.68ss

³⁵ Sobre os escândalos de corrupção na FIFA, devem-se conferir os livros do repórter investigativo escocês Andrew Jennings, (2011; 2014), utilizados pelo próprio FBI para levar adiante uma grande operação contra aquela federação e que mal repercutiu no Brasil com a “CPI do futebol”, onde Jennings compareceu para dizer a alguns poucos senadores brasileiros, entre outras coisas, que a rede criminoso da maior entidade do futebol “começou na década de 1970 quando [João] Havelange se elegeu para a

Em campo, esse processo começa com a tática hiper-inovadora do “carrossel holandês” na copa de 1974, em que os jogadores buscam desesperadamente a bola, ocupando todos os espaços, neutralizando todos os outros modos de relação com o jogo, a não ser ganhar. O espaço aberto, caracterizado essencialmente pelo “jogar e deixar jogar” se apequena, porque o faturamento da indústria do futebol desloca seu núcleo para o contábil: as transmissões televisivas e o espetáculo. A figura do técnico ganha uma expressão equivalente à do craque. O objetivo é anular o adversário, impossibilitando-o de jogar, e não vencer o e *no* jogo. Os placares se encurtam. Basta comparar o 5x2 entre Brasil e Suécia, em 1958, com as míseras finais de 1994, decididas nos pênaltis e 2006, na prorrogação. É como se acontecesse com o futebol algo semelhante ao princípio de Schoenberg contra todo ornamento na música: “Com a negação da aparência e do jogo, a música tende ao conhecimento”³⁶. Mas essa racionalização técnica do jogo, mais dinâmica que a de Schoenberg, está a favor e contra a indústria do futebol, ao mesmo tempo.

Atribuo ao fato de os jogos estarem se tornando, em virtude da racionalização excessiva, cada vez mais entediantes, a falta de entusiasmo com o futebol com a qual começamos este trabalho. A racionalização inerente à profissionalização, e que favorece a indústria, parece se desenrolar na direção de jogos cada vez mais previsíveis e insípidos. Aqui o jogo parece acabar. Mas apenas parece.³⁷

presidência da FIFA. Joseph Blatter foi seu principal assessor e deu continuidade ao *modus operandi*”. ESPN/GAZETA PRESS, 2015. TOLEDO (2000, p.58) fala do “projeto expansionista” com Havelange à frente da FIFA. O interessante é notar, como faremos o esforço de tornar claro adiante, como isto se reflete na própria dinâmica do jogo, mais precisamente, como está “cifrado” no sistema total da Holanda de 1974, adaptado sem sucesso à linguagem brasileira na Copa de 1982.

³⁶ ADORNO, 2004, p.42.

³⁷ É verdade que, por outro lado, a profissionalização, tanto no esporte como em outras esferas, especificamente a estética, tem um potencial de inclusão social visível apenas a partir de seu contraposto, a contracultura expressivista, de que a boêmia artística é o maior exemplo. No futebol, da mesma forma, a contracultura expressivista como o outro extremo da profissionalização mostrou sua face perversa já com Heleno de Freitas, *enfant terrible* do futebol e das noites cariocas na década de 1940. Morador do Copacabana Palace, Heleno sofreu as consequências da fama e do sucesso rapidamente. “Heleno de Freitas tinha pinta de cigano, cara de Rodolfo Valentino e humor de cão raivoso, Nas canchas, resplandecia. Uma noite, perdeu todo o seu dinheiro no cassino. Outra noite, perdeu não se sabe onde toda a vontade de viver. E na última noite morreu, delirando, num hospício” (GALEANO, 2013, p.89). Assim como Heleno, outro jogador do Botafogo, Garrincha, experimentou, semelhantemente a diversos artistas, o lado “popular” da contracultura futebolística. É preciso destacar que, contra a racionalização excessiva do jogo, insistimos na sua margem incalculável de imprecisão e surpresa, mas é preciso tomar nota sobre o outro lado da moeda do mesmo processo, que é a relação com o acaso, adequada aos jogos de aposta ou chamados “de azar”. Encontramos excelente discussão sobre as condições precárias do futebol brasileiro antes da profissionalização, e sobre como a formação de uma classe especializada de jornalistas esportivos contribuiu para uma consolidação do *status* social do futebol em relação aos jogos de azar em TOLEDO, 2000, 45ss.

O efeito é duplo. De um lado, a falta de entusiasmo é sintoma de um jogo que se tornou excessivamente racionalizado, com particular efeito sobre um país que tem como sua linguagem singular, no futebol, a exploração dos espaços não racionalizáveis através de uma dinâmica que lhe é própria, mas também com potencial violento de motivação sobre culturas que têm, no futebol, o principal veículo de uma apropriação de seus instintos de revolta, sublimados no jogo, pelo mecanismo mesmo de racionalização, convertendo-se em fanatismo³⁸. O mais interessante é que o excesso de entusiasmo pode ser interpretado, paradoxalmente, em virtude da fragilidade objetiva daquilo sobre o que o sentimento se apoia.³⁹

Nos estudos de psicologia social, a pesquisa coordenada por Adorno na Universidade de Berkeley, Califórnia, nos anos 1940, continua sendo referência fundamental para o tema que dá título à longa obra que reúne seus resultados, *The authoritarian personality*, publicada apenas em 1950. Embora longe de ser unânime em relação ao alcance de seus índices estatísticos e hipóteses explicativas na formação da personalidade autoritária, duas das variáveis categoriais “altamente presumíveis” na interpretação da estrutura dinâmica do caráter e da organização cognitiva na escala de preconceito étnico (...) – que está relacionada à escala “F”, de quem é propenso ao fascismo – são, respectivamente, a “ambivalência” (Categoria 51) e a “intolerância vs. tolerância à ambiguidade” (Categoria 58). Segundo os pesquisadores, pessoas com baixo índice de propensão à personalidade autoritária mostram também um baixo índice de intolerância à ambivalência das emoções e à ambiguidade em relação aos objetos da percepção, sendo mais capazes – entre muitas outras variáveis, é preciso lembrar – de matizar e complicar as coisas. Pelo contrário, há, entre pessoas com alta tendência ao preconceito étnico e, por conseguinte, à personalidade autoritária, também alto índice de utilização de mecanismos para “driblar” a ambivalência ou para mantê-la num nível inconsciente, tais como a rigidez cognitiva, a distorção da realidade, a construção de estereótipos, etc., com importantes consequências para o modo de socialização com o grupo. Mas, em afinidade com nosso objeto, é interessante notar que, para os pesquisadores,

³⁸ Para uma discussão em torno da definição de fanatismo, inclusive em relação ao “entusiasmo”, cf. TOSCANO, 2010, especialmente p. 121ss.

³⁹ Foi Erich Fromm quem discerniu, primeiramente, os aspectos paradoxais do caráter autoritário do homem moderno isolado, de frágeis vínculos sociais. Cf. FROMM, 1974.

(...) o mais notável destes mecanismos consiste em pensar em termos de dicotomia, isto é, em termos de pares diametralmente opostos, e numa inclinação ao deslocamento. Assim, a glorificação do grupo interno e a rejeição do grupo externo, vizinho do ponto de vista da esfera social e das crenças políticas, podem ser encontradas como uma tendência geral predominante naqueles relacionados a altos índices em alguns de nossos dados clínicos. Os que apresentaram índices baixos, por outro lado, tendem a expressar abertamente sua ambivalência em relação aos objetos ou a coisas que representam estes objetos na realidade (por exemplo, em relação à autoridade, ou à figura materna, respectivamente).⁴⁰

Ora, sabemos que a Copa do Mundo de 1934 foi, para Mussolini, uma grande operação de propaganda.⁴¹ Mas não é por isso que os paralelos com o futebol não poderiam ser mais óbvios. Em primeiro lugar, é preciso assinalar que a formação de torcidas organizadas pertence ao mesmo contexto de modernização e profissionalização do jogo. As táticas performáticas do torcer correspondem à invenção das táticas equivalentes do jogar, conforme nos esclarece Toledo: “Os anos 40 e 50 demarcam no plano da sociabilidade esportiva uma maior aceitação dos torcedores, sobretudo no que diz respeito às formas coletivizadas do torcer, táticas performáticas que os elevaram à condição de protagonistas de um futebol mais organizado pela difusão das *formas* de jogo e *esquemas táticos*, em torno dos campos”⁴². Com o tempo, e o início da década de 1970, as torcidas organizadas obedecem ao mesmo imperativo monopolista geral e consolidam sua autonomia como peça-chave na pressão sistemática por resultados e fiscalização de eficiência:

Autonomia que se expressava no plano da reivindicação e maior compreensão dos fundamentos técnicos, pois formaram comunidades de pressão mais efetivas, passando a reivindicar, de modo mais permanente nos jogos e de modo cotidiano nos treinos, as qualidades técnicas dos *profissionais*, o exercício e o compartilhar constantes das representações em torno das *formas* do jogar. Este outro modelo ficou conhecido como Torcidas Organizadas, que originalmente surgiram numa conjuntura de efervescência política, como foi o caso da primeira agremiação torcedora, a Gaviões da Fiel. Discutia-se, naquela ocasião, por volta de 1969, a legitimidade do então presidente corintiano Wadih Helu, que estava há aproximadamente 15 anos à frente do Sport Club Corinthians Paulista. Os Gaviões são a primeira e atualmente a maior torcida organizada existente no Brasil.⁴³

⁴⁰ ADORNO et.al., 1950, p.451-2. Digo “os pesquisadores”, e não somente Adorno, porque a psicóloga Else Frenkel-Brunswik assina especificamente o capítulo da obra aqui trabalhado. E faz-se referência, para aprofundamento do tema, aos seus estudos em preparação, que devem ser os posteriormente publicados em FRENKEL-BRUNSWIK, 1953. Deve-se recordar também ROKEACH, 1960.

⁴¹ Cf. GALEANO, 2013, p.67.

⁴² TOLEDO, 2000, p.250.

⁴³ Ibid., p.254.

Neste contexto, observamos, em vez de uma adesão flexível ao esporte, uma identificação rígida com o clube ou o país (mais com o clube, em nome do imperativo vencedor mercantil), e com isso o lado lúdico do jogo vai dando lugar à violência que ele desde o início contém, mas tinha a função de elaborar e ressignificar. Os conflitos de torcida e os repetidos casos de racismo no futebol, que naturalizam essa identificação rígida, são casos de uma negação do outro e uma tentativa de negar a ambivalência emocional (tristeza pela derrota e alegria de disputar ou presenciar um bom jogo, por exemplo) e a ambiguidade cognitiva (o adversário no âmbito nacional é companheiro de clube, ou o contrário, por exemplo). Contudo, a respeito das identificações rígidas, em particular na tentativa de construção de estereótipos, Wisnik nos recorda que:

É notável, senão óbvio, que os times brasileiros não sejam portadores obrigatórios de conteúdos: times acentuadamente populares, como o Corinthians e o Flamengo, trazem decerto essa marca na composição social da torcida e no *ethos* que os acompanha, mas isso não os impede de incorporar largamente estratos contingentes de outros estratos sociais; as torcidas de times originariamente de elite, como o São Paulo e o Fluminense, incorporam largamente estratos populares. O Palmeiras, clube tradicional de imigrantes italianos que remonta ao Palestra Itália original, tem uma torcida que extrapola esse perfil, e que tomou para si, como senha de orgulho, o xingamento de que era vítima, fazendo da designação de *porco* (depreciativa do imigrante, ao que parece) o seu totem. Em revanche, chama corintianos de *favelados*. Essa troca de estigmatizações pode degenerar em conflitos reais entre facções da torcida que, mais do que jogo, querem conflito, mas pode fazer parte, também, de um grande psicodrama ritualizado, cujo movimento principal consiste em lançar pecha sobre o outro e no qual os estigmas recíprocos são evacuados catarticamente.⁴⁴

Portanto, o futebol parece ter uma lógica, ou “não-lógica”, própria, que estabelece limites para os imperativos de racionalidade. Esta reversibilidade, cujo amor no futebol comparamos a uma “paixão do real”, e a que atribuímos o fato de ser um esporte universalmente acessível, ainda que seja mais característica do lado lúdico do jogo amador, não deixa de estar presente no jogo profissional. Já chegamos aos 45’ do 2º tempo.

Acréscimos

Como consequência, diante de tudo que se disse, vale a pena destacar não somente a realidade inescapável dos revezes, mas até mesmo a importância suprema da derrota, como condição fundamental de uma relação sadia com o esporte e, na verdade,

⁴⁴ WISNIK, 2008, p.50.

com a vida. Num dos inúmeros momentos marcantes de sua crônica literária, em muitos aspectos semelhante à alta crônica esportiva humorística brasileira, G. K. Chesterton afirmava:

“Oh, Parkinson, Parkinson!”, eu exclamava, dando-lhe golpes carinhosos na cabeça com um taco, “quão longe você realmente está do puro amor pelo esporte - você que joga bem. Somos apenas nós que jogamos mal, os que amam o Jogo em si mesmo. Você ama a glória; você ama o aplauso; você ama a voz estrondosa da vitória; você não ama o croquet. Você não amará o croquet até amar ser derrotado no croquet. Somos nós, os negligentes, que adoramos a ocupação em abstrato. É para nós que ela é a arte pela arte”⁴⁵.

Não é razoável, e nem um pouco racional, supor que se possa não perder. Mas esta jogada de Chesterton parece apontar para algo ainda mais profundo. Se alguém não consegue amar uma bela partida em que é derrotado, este alguém não gosta de jogar ou torcer. Seu interesse é outro. Neste sentido, vale destacar um tipo ideal de equipe e de torcedor, aquele que, aferrado a uma “lealdade primária”, pode seguir jogando e torcendo enquanto as coisas vão bem, mas mais do que isto, pode seguir jogando e torcendo, principalmente, quando as coisas vão mal. Em 2010, o Santa Cruz, que disputava a humilde Série D do Campeonato Brasileiro, levou a campo, numa amostra de quatro jogos, uma média de 30.243 torcedores, ultrapassando, em muito, os 26.591 torcedores do Corinthians, líder da Série A.⁴⁶ Pode-se imaginar, ou não, como foi, para a torcida do Botafogo, ter erguido, em 1989, a taça do Campeonato Carioca, após 21 anos sem conquistar nenhum título.

A paixão pelo futebol, que comparamos inicialmente com o sentimento vital, com o interesse pelo trabalho, o amor pela esposa, a vontade de viver ou a fé no homem, tem algo desta especial vitória que é a “sobrevivência a mil derrotas”⁴⁷. Exemplo definitivo desta atitude é a do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, torcedor do heroico e desconhecido América de Pernambuco. É numa carta a seu primo “Manuel”, o também poeta pernambucano Manuel Bandeira, que Cabral conta como colocou em questão a própria certeza no seu mundo material inabalável, a crença de que o universo tinha o seu prumo devido, na mais que improvável, talvez impossível vitória do América sobre o Náutico no primeiro jogo da final do Campeonato Pernambucano

⁴⁵ CHESTERTON, 2012, p.34.

⁴⁶ Cf. TERRA, 2010: <https://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro-serie-d/mesmo-na-serie-d-santa-cruz-lidera-media-de-publico-no-brasileiro,b718b0e1c2baa310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>.

⁴⁷ CHESTERTON, 2010, p.85

de 1944: “Quando o ano começou e foram anunciadas as partidas decisivas, absolutamente certo de que o Náutico seria campeão, chamei o Criador para uma armadilha. Disse-lhe que, caso o meu América vencesse, eu me daria por satisfeito. Poderia ser o último título conquistado. Poderia não ser campeão mais nunca. Eu ficaria feliz com aquele título.⁴⁸” O América foi o campeão de 1944, título raro na prateleira deste raro clube. A poética da insistência e da intransigência, da vida (severina) que insiste em viver onde não há vida, é a cifra igualmente enigmática e clara desta postura diante da vida, qual diante do futebol, que certa vez Cabral explicou em entrevista:

Ah, eu gosto de futebol! Mas, agora, como não vivo no Brasil, não vou a futebol. A grande vantagem do futebol brasileiro é que é o único futebol que você assiste sem estar interessado na vitória de um clube. Você assiste porque é um espetáculo bonito. Com futebol europeu não acontece. Você não vê uma jogada maliciosa, não vê um gesto harmônico, não vê elegância. Só aquela correria. E correria não me interessa. Só consigo me interessar pelo futebol brasileiro. Há os que gostam de ver futebol porque gostam de ver o time predileto ganhar. Mas acontece que meu clube é o América. Ganha tão pouco...⁴⁹

Isso permite uma explicação para uma das derrotas mais improváveis da história do futebol. Se alguém já foi a um campo ver o jogo da arquibancada, experimentou a grande diferença que é ver uma partida na televisão. No estádio, a “pesantez” dos corpos no jogo ao vivo contrasta com os “replays” e a onipresença das câmeras, que questionam a realidade com sua hipercrítica além do humano. A filosofia do moderno futebol, que tentamos aqui, enquanto dialética do esclarecimento no futebol, não é uma nostalgia dos “bons e velhos tempos”, como se poderia pensar, mas é uma dialética da racionalização no sentido de uma poética da intransigência. Quanto mais o processo de racionalização do futebol avança, mais o seu aspecto lúdico, sua semelhança com a vida, resiste de forma insistente. A imprevisibilidade inerente ao jogo, que permitiu a cada cultura jogá-lo e ser competitiva ao seu modo, sua acessibilidade universal, é também sua autenticidade incorruptível. Racionalizar o futebol inteiramente é um completo disparate, tão grande quanto tentar racionalizar a vida inteiramente. Prova disso é uma certa semifinal fatídica que ousou mencionar – para apontar contra a rigidez de minha própria identidade, e afirmar minha paixão pelo real, pela alternância entre vitória e derrota, entre adversário e parceiro de jogo –, é a imprevisível, improvável, quase impossível derrota por 7x1, o famoso “mineiraço”, a 10ª maior goleada em copas

⁴⁸ A carta ao primo Manuel pode ser lida em: <http://www.literaturanaarquibancada.com/2011/11/joao-cabral-de-melo-neto-e-o-futebol.html>.

⁴⁹ MELO NETO, 2009. Entrevista, 1986. *João Cabral, o poeta íntimo da bola*. Disponível em: <http://www.portal2014.org.br/noticias/495/JOAO+CABRAL+O+POETA+INTIMO+DA+BOLA.html>.

do mundo, e a única envolvendo times campeões do mundo. O futebol proporcionou ao Brasil não somente muitas vitórias, talvez porque sua fluidez se combine à do jogo, mas também lhe impôs o grande sacrifício em nome da alegria, do jogo, do imprevisível, do lúdico e da vida. Nada aconteceu quando El Salvador perdeu para a Hungria por 10x1 em 1982, nem quando a Escócia perdeu para o Uruguai por 7x0 em 1954, mas se o Brasil, pentacampeão mundial de futebol, perde em sua casa por 7x1, é porque o futebol ainda não se acabou. Várias expressões como “caixinha de surpresa”, “treino é treino, jogo é jogo”, etc. estão aí para marcá-lo desde o início. Celebrar a alternância e a inconstância da vida é sua missão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____. Die Idee der Naturgeschichte. In: *Gesammelte Schriften*. Band 1: Philosophische Frühschriften. Versão digital da edição das obras completas, sob licença da editora Suhrkamp. Berlin: Directmedia, 2003a. Tradução em português disponível em: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno4.htm>.
- _____. *Filosofia da Nova Música*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- _____. Kierkegaard. Konstruktion des Ästhetischen. In: *Gesammelte Schriften*. Band 2: Kierkegaard. Versão digital da edição das obras completas, sob licença da editora Suhrkamp. Berlin: Directmedia, 2003b.
- _____. *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ADORNO, THEODOR W.; FRENKEL-BRUNSWIK, ELSE; LEVINSON, DANIEL J.; SANFORD, R. NEVITT. *The Authoritarian Personality*. New Harper and Brothers: New York, 1950.
- ADORNO/HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- BUCK-MORSS, Susan. *The Origin of Negative Dialectics*. New York: The Free Press, 1997.
- CHESTERTON, G.K. *O Homem Eterno*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- _____. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- _____. “O jogo perfeito”. Em: *Tremendas Trivialidades*. Campinas: Ecclesiae, 2012.

DARWIN, Charles. *The Expression of the Emotions in Man and Animals*. London: John Murray, 1872.

ESPN/GAZETA PRESS, *Corrupção da Fifa nasceu no Brasil, denuncia Andrew Jennings em CPI vazia*. Reportagem publicada em 03 de setembro de 2015. Disponível em http://espn.uol.com.br/noticia/540646_corrupcao-da-fifa-nasceu-no-brasil-denuncia-andrew-jennings-em-cpi-vazia.

FRANKEL-BRUNSWIK, E.; HAVEL, J. Prejudice in the interviews of children: I. Attitudes towards minority groups. In: *Journal of Genetic Psychology*, v.82, 1953, p.91-136.

FROMM, Erich. *O Medo à Liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

HABERMAS, Jürgen. *Theorie des kommunikativen Handelns*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981, 2v.

HOBBSAWN, Eric. “Futebol de hoje sintetiza a globalização”, *Folha de São Paulo*, Entrevista publicada em 30 de setembro de 2007. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3009200708.htm>.

HONNETH, Axel. “Teoria Crítica”. In: Giddens, A; Turner, J. (Eds.) *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Unesp, 1999. p.503-552.

JENNINGS, ANDREW. *Jogo Sujo – O mundo secreto da FIFA*. São Paulo: Panda Books, 2011.

_____. *Um jogo cada vez mais sujo – O padrão FIFA de fazer negócios e manter tudo em silêncio*. São Paulo: Panda Books, 2014.

MELO NETO, 2009. Entrevista, 1986. *João Cabral, o poeta íntimo da bola*. Disponível em: <http://www.portal2014.org.br/noticias/495/JOAO+CABRAL+O+POETA+INTIMO+DA+BOLA.html>.

PASOLINI, P.P. Il calcio “è” un linguaggio con i suoi poeti e prosatori. Da *Il giorno*, 3 gennaio, 1971. Disponível em: <http://www.interruzioni.com/calciopasolini.htm>.

_____. *Les terrains: Écrits sur le sport*. Pantin: Le Temps des Cérises, 2006.

ROKEACH, M. *The Open and Closed Mind*. New York: Basic Books, 1960.

SILVEIRA, Lauro F. B. *Habermas lendo Peirce*. Trans/Form/Ação. v.36, Marília, 2013.

TOLEDO, Luiz H. *Lógicas do Futebol: Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional*. (Tese de doutorado em Antropologia) Universidade de São Paulo, 2000.

TOSCANO, Alberto. *Fanaticism. On the Uses of an Idea*. London: Verso, 2010.

- VERDÚ, Vicente. *El fútbol: mitos, ritos y símbolos*. Madrid: Alianza Editorial, 1980.
- VRIES, Hent De. *Minimal Theologies. Critiques of Secular Reason in Adorno and Levinas*. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 2005.
- WELLMER, Albrecht. *Zur Dialektik von Moderne und Postmoderne. Vernunftkritik nach Adorno*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985.
- WELSCH, Wolfgang. *Vernunft. Die zeitgenössische Vernunftkritik und das Konzept der transversalen Vernunft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996.
- WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio. O futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.